

.....

Como um psicanalista pode abordar, atualmente, a questão da religiões?

Roland Chemama¹

Resumo

Se Freud considerava as religiões infantilizadoras, Lacan, por sua vez, nunca desistiu de aprender algo sobre elas, por exemplo, no que concerne as relações entre a lei e o desejo. Como então podem se situar os psicanalistas contemporâneos? Eles podem reconhecer, com Marcel Gauchet, que as religiões não têm mais um papel organizador, em geral, nas sociedades que são nossas, mas que isso não faz entretanto desaparecer a religiosidade. A questão, então, é julgar, caso a caso, o papel social e político que os cultos contemporâneos podem desempenhar e a maneira como eles tomam o sujeito individual.

Palavras-chave: *Origem das religiões. Religiosidade. Saída da religião.*

Comment un psychanalyste peut-il aborder, aujourd'hui, la question des religions?

Résumé

Si Freud jugeait infantilisantes les religions, Lacan, pour sa part, n'a jamais renoncé à en apprendre quelque chose, par exemple concernant les rapports de la loi et du désir. Comment alors peuvent se situer les psychanalystes contemporains? Ils peuvent reconnaître, avec Marcel Gauchet, que les religions n'ont plus un rôle organisateur, en général, dans les sociétés qui sont les nôtres, mais cela ne fait pas disparaître pour autant toute religiosité. La question étant alors de juger, au cas par cas, du rôle social et politique que les cultes contemporains peuvent jouer, et de la façon dont ils ont prise sur le sujet individuel.

Mots-clés: *Origine des religions. Religiosité. Sortie de la religion.*

.....

Tento indicar no título desta conferencia que é da atualidade das religiões que eu busco falar. E além disso, tento abordar essa questão colocando que as minhas reflexões são as de um psicanalista francês particular, vivendo na França em 2017. Tentarei ir por um questionamento menos particular, mas falarei a partir daí.

Destaco de início, que não vou adotar, enquanto psicanalista uma posição de superioridade. As religiões não são, para os psicanalistas, o objeto de um estudo racional que

¹ Psicanalista em Paris/FR, com vários livros publicados no Brasil e na França como *Depressão, a grande neurose contemporânea*, Porto Alegre, CMC editora, 2007, *Trauma dans la civilisation, terrorisme et guerre des identités* (em colaboração com C. Hoffmann), Toulouse, Erès, 2018; *La psychanalyse refoule-t-elle le politique*, Toulouse, Erès, 2019.

desacreditaria das crenças considerando-as sem consistência. Lacan nunca renunciou a ideia de apreender alguma coisa sobre as religiões, mesmo se ele sempre sustentou não ter nenhum pertencimento confessional. Por exemplo, ele encontra em São Paulo alguma coisa que permiti-lhe melhor precisar as relações da lei e do desejo. É importante destacar.

Começamos então, por lembrar o modo como Freud de início, Lacan em seguida, abordou a questão das religiões.

Freud era, sem dúvida, mais crítico que Lacan em relação ao lugar da religião nas sociedades humanas e notadamente nas sociedades contemporâneas. Ele adota em relação a elas uma posição que eu diria fortemente laica, ele tenta dar conta, de modo não religioso, das formas da religião. Assim, na obra *O futuro de uma ilusão* ele indica que as tarefas dos deuses consistem em exorcisar as forças da natureza, a reconciliar o indivíduo com a crueldade do destino, ou ainda, e a indenizar sofrimentos e privações impostos pela vida em comum dos seres civilizados que nós somos.

O que é para Freud o futuro das religiões? As tarefas deixadas para a religião se tornarão, parece-lhe, menos necessária por que a ciência e as técnicas permitem dominar melhor a natureza. Nesse sentido, Freud pensa que a ciência irá dominar a religião. E se em *O Mal estar na civilização* ele reconhece que o « homem simples » (cito Freud) tem necessidade de encarnar a Providência « sob a figura do pai (...) magnífico », ele acrescenta que, eu o cito « Tudo isso é evidentemente infantil, e se distancia da realidade de tal forma que, para todo amigo cínico da humanidade, torna-se doloroso pensar que a grande maioria dos mortais não pode se elevar acima dessa concepção de existência (Freud, *O mal estar na civilização* »).

É antes sobre a origem das religiões, e em particular esta do monoteísmo, que Freud nos dar um esclarecimento mais interessante, mesmo se se sustenta nisso que é um mito, a teoria do assassinato do Pai da horda primitiva. E do que se trata dar conta nesta teoria, é daquilo que pode levar os homens ao sacrifício, ou seja, antes de tudo ao sacrifício do seu desejo – e isso é essencial para os psicanalistas.

Freud, vocês sabem sem dúvida, construiu a hipótese que os filhos privados do gozo por que o pai primitivo reserva todas as mulheres para o seu próprio uso se revoltam contra ele e o matam. Mas, a morte não os libera por isso. O pai morto não continua menos interditor do gozo e a culpabilidade ligada, portanto, ao assassinato, aumenta mais que diminui.

Muito se disse que a teoria do assassinato do Pai não é mais que um mito, mas mesmo sendo este o caso, o mito esclarece o lugar de um Pai que não é o Pai Real, mas o Pai

Simbólico : é a partir dele que se dar um lugar ao renunciamento do gozo e que pode eventualmente se organizar um desejo em cossonância com a lei.

É no prolongamento dessa teoria que Freud analisa em *Moises e o Monoteísmo* a invenção por Moisés da religia judaica, e aborda em seguida, o Cristianismo. No judaísmo o retorno a culpabilidade produz a ideia de um « pecado original », « crime contra Deus que so poderia ser expiado pela morte ». Quanto ao Cristianismo, penso que é útil ler aqui algumas linhas que sintetizam a tese de Freud : o filho que havia tomado sobre ele a expiação torna-se, ele mesmo, Deus ao lado do pai, e fala propriamente a partir do lugar do pai. Advinda do pai, « o cristianismo torna-se uma religião do filho ».

Eu acrescentaria que se a teoria freudiana da religião é forte, ela permite assim pensar o conflito das religiões. Cada um, no nosso mundo, se refere a um Pai particular, este de sua tradição, de sua genealogia; em suma, o ancestral cuja memória é necessário defender contra todos os infiéis. E o fato que um filho seja associado ao Pai nada muda. Se poderia acreditar, há cinquenta anos, que a época das guerras de religião findaramm ou está em vias disso. Mas, um certo retorno de fundamentalismos religiosos pôs novamente essa questão na atualidade do pensamento.

A teoria de Lacan se inscreve em seguida a de Freud? ele se refere frequentemente e insiste, falando do sacrificio, sobre o significado da dívida. Mas a este respeito temos precisar diversas coisas.

De qual dívida se trata? De início, o que todo ser humano pode ter em relação as gerações anteriores, isso que o faz ser o que ele é, à condição de aceitar certas renúncias. Lacan para falar da dívida utiliza uma metáfora que ele atribui ao *Mercador de Veneza* de Shakespeare , esta libra de carne que o devedor deveria tomar por sua propria pessoa, se nao tem dinheiro para pagar o que tomou emprestado. O que é interessante aqui, é distinguir a questão do sacrificio, que em si não é necessariamente religioso, da religião. Toda religião, diz Lacan no Seminário *A Ética da Psicanálise* , tem como officio « recuperar » esta libra de carne, ou seja, dela se servir para assegurar seu poder. É mesmo o único traço comum. Todas as religiões, quaisquer que sejam, se apoiam sobre o sentimento da dívida que experimenta o ser humano, para assegurar o poder que tem sobre os indivíduos.

Se poderia, então, ficar na figura trágica de um sacrificio mutilante. Contudo, no seminário sobre *A Angustia*, em maio de 1963, Lacan liga a questão da dívida ao do don, se referindo explicitamente a Marcel Mass. Isto nos interessa pelo dialogo entre a Psicanálise e a Antropologia. Importante destacar que desde de 1950, ano da morte de Marcel Mauss, Lacan faz referencia as « fórmulas límpidas que a morte de Mauss colocou na ordem do dia,

« as estruturas da nossa sociedade são simbólicas... ». Mas, é três anos mais tarde, no seu texto fundador, « Função e Campo da Palavra e da Linguagem em Psicanálise » que Lacan, pode introduzir o lugar da linguagem nos seres humanos, colocando-a em relação com a linguagem de tal modo, que ela aparece no dom como fenômeno social total.

Nos detenhamos um pouco nesse texto. Em fenômenos como o *potlatch* não se pode observar somente o dom recíproco obrigatório, acompanhado da aniquilação dos bens acumulados pelos grupos sociais. O que é ofertado vale como símbolo da condição de ter sido retirado do seu valor utilitário. Não posso evitar aqui de citar alguns belos trechos : « Esses dons já são símbolos, nisto que o símbolo quer dizer pacto, e que eles são de início significantes do pacto que eles constituem como significado : Como se ve bem nisto que os objetos de troca simbólica, vasos feitos para estarem vazios, escudos pesados demais para serem carregados, feixes de lenha que irão secar, lanças caídas ao chão, são sem uso por destinação e superfluos por sua abundância ».

Destaquemos, sobretudo, que Lacan coloca em primeiro plano um fenômeno, este do dom, que inclui uma certa concorrência, mas que aproxima também os diversos grupos nele envolvidos. Isso é sem dúvida um ponto a destacar para evitar não ver em todas as religiões mais que ideologias exaltando de maneira aberta o discurso da guerra. Voltaremos a isso.

Como segui Freud e Lacan, comecei minha exposição pelas origens da religião. Vou, pouco a pouco retornar para questões mais contemporâneas, mas para isso vou, de início, me referir a um filósofo contemporâneo que escreveu um livro importante sobre a história das religiões. Se trata de Marcel Gauchet; seu livro mais importante se chama *O desencantamento do mundo*, cujo subtítulo é *Uma história política da religião*. Vou começar citando a definição que dá Marcel Gauchet da religião (p. 18) : quem diz religião diz em última instância um tipo bem determinado de sociedade a base de anterioridade e superioridade do princípio da ordem coletiva sobre a vontade dos indivíduos que ele reúne.

Vocês vêem que essa é uma definição laica da religião. Ela não coloca anteriormente, por exemplo, a dimensão da fé. Ela pontua antes, o laço da religião com a organização social, este laço que determina a vontade dos indivíduos que compõem a sociedade. O que é essencial na religião, para Gauchet, é a heteronomia, que dizer, a ideia que a origem da lei é simultaneamente exterior e superior aos homens.

Se considera-se a sério essa definição, somos levados, segundo M. Gauchet, a abandonar a ideia de progresso histórico na concepção do divino. Para Marcel Gauchet, a religião mais completa está situada no início da história das religiões, nesse sentido que a religião posteriormente, cessa pouco a pouco de ser organizadora de toda a sociedade.

Esse tipo de análise, Gauchet não cessa de sustentar e desenvolver. Para ele, mesmo o fundamentalismo muçumano, que eu forçosamente abordo hoje, não é mais que um pequeno retorno em relação ao abandono mundial da religião. O que pensamos nós dessas teses que é necessário, certamente, colocar a prova na realidade empírica?

Antes de tentar responder, diria que não se pode simplificar muito as teses de Gauchet. Ele mesmo tenta dar um lugar a isso que seria a religião se ela perdesse totalmente a função que tinha no seus começos. « Supondo mesmo (...) escreve ele, que desaparecendo toda maneira de sociabilidade a base da fé partilhada e do culto celebrado em comum » seria possível existir uma experiência do tipo religiosa para os indivíduos. Em suma, acrescenta ele, « talvez tenha aí um irreductível para abertura para o invisível. E nesse ponto que ele diz se situar essa iluminada análise (eu cito), do « enraizamento antropológico » da religião.

Dizemos, então, a propósito disso que Marcel Gauchet chama a abertura para o invisível, que os psicanalistas não podem manter por nada esta dimensão. Nós sabemos em efeito que isso que determina o sujeito humano não é feito somente da busca e consumo de coisas da realidade empírica. O sujeito tem relação também com uma dimensão Outra, que nós escrevemos com um O maiúsculo. Certamente nós sabemos a importância das relações do sujeito com seus próximos imaginários, os outros que nós escrevemos com um a minúsculo no início da palavra.

Mas através notadamente da dimensão da linguagem e do simbólico, através também da dimensão do sonho, o sujeito tem um encontro com alguma coisa do invisível, pois é lá, de um certo modo, que se situa a dimensão do que nós chamamos o Outro simbólico, o Outro com O maiúsculo. Não é que eu pense que o Outro é um nome de Deus. Antes é que a religião nomeia Deus essa dimensão que é esta do Outro, com a qual se pode introduzir a prática psicanalítica. Se isso que eu digo está certo, a prática psicanalítica deveria também nos fazer apreender melhor a importância da abertura da dimensão do Outro (com O maiúsculo), e daí a importância do fato religioso nas sociedades humanas.

Retornemos, contudo, a ideia de um abandono da religião. Disse anteriormente que Marcel Gauchet não pensa que sua teoria é refutada pelo desenvolvimento atual dos diversos fundamentalismos, e em particular do fundamentalismo muçumano. Numa entrevista com Luc Ferry, por exemplo, ele retoma a ideia de uma abertura para o invisível, que fornece de qualquer modo um campo preliminar a isso que ele chama propriamente religião, e que consiste essencialmente num regime social e político de heteronomia. Mas, é precisamente a heteronomia que, de modos e ritmos diferentes, tenderiam a desaparecer no mundo, em decorrência do desenvolvimento das democracias. O que não coloca somente um problema

teórico. Nós devemos nos deter claramente nisso, se queremos compreender o que se passa nas nossas sociedades atuais.

Tomemos essa questão por um ponto mais sensível hoje. Nos países ocidentais os fundamentalistas muçumanos reivindicam a possibilidade de viver publicamente sua religião nas suas formas mais extremas como, por exemplo, impor as mulheres se vestirem muito cobertas, frequentemente com a exigência de um veu que esconde o rosto. A recusa dessas práticas consideradas na maioria das vezes contrárias aos valores republicanos de progresso, está associado após alguns anos, em muitos ocidentais, a condenação de massacres em massa que visariam segundo os islamistas radicais, os incredulos, esse ataques ocorreram em Paris, Nice, Bruxelas, e também em outras partes do mundo, começando pelos países muçumanos, eles mesmos. Houve também a preparação de um atentado no Rio de Janeiro, felizmente evitado. Qual é então a atitude para se ter em relação a esses fenômenos de fé religiosa ostentatória, visto o contexto violento no qual eles se inscrevem?

Vale destacar que na França, por exemplo, o aumento dos fundamentalismos (e o fundamentalismo muçumano não é o único) suscitou essencialmente reflexos seculares. Mas como definir aqui o que é secular?

É importante destacar a neutralidade do Estado, que iria somente evitar que alguma religião tome um poder exorbitante? Tal definição que conduziu a separação entre a Igreja e o Estado na França, e que confina o religioso a esfera privada. Mas, por sua parte os fundamentalistas muçumanos podem assegurar que o modo como se vestem suas mulheres não diz respeito a ninguém, exceto se elas fazem proletoismo portando vestimenta islâmica, por exemplo, no exercício da função docente.

É necessário, ao contrário, propor uma secularização do combate, que consistiria em criticar as formas de vida que parecem contrárias ao que se chama os valores da República? Mas, até onde exigir uma uniformização?

A questão das mulheres é evidentemente decisiva, como ela está continuamente nas questões do poder religioso – e na esfera do desejo. O que é respeitar as mulheres? É respeitar todas as suas escolhas, mesmo está de usar o veu? Ou antes, é necessário denunciar seu assujeitamento particular pela religião (uma mulher a quem manda usar um veu para se cobrir é uma mulher considerada, a priori, impura)? Respeitar, não sua escolha, que pode ter sido imposta, mais uma dignidade que se quer atribuir-lhe?

Se desenvolvo essas questões é, sobretudo, por que preciso dizer a vocês, que constatei após alguns meses ou anos, que elas insistem nas análises de numerosos de meus pacientes, homens e mulheres, é assim que a angústia da violência aparece na relação com os

numerosos atentados jihadistas. Isso me demandaria muito tempo para desenvolver neste momento.

Prefiro terminar por hoje, com uma apresentação muito diferente da religião. E eu diria, de certas aspirações de uma experiência religiosa que irão nos distanciar desses fenômenos violentos e totalitários que podem, certamente, nos preocupar bastante.

Em julho de 2016 islamistas radicais assassinaram um padre, numa pequena cidade francesa que se chama Saint Étienne du Rouvray. Mas, no dias posteriores seguiram-se manifestações inter-religiosas, então, muçulmanos foram convidados pelas igrejas e a ideia de continuar um diálogo prosseguiu. Vejam que mais do que uma religião com referência a um Pai, um ancestral, o que se passa aqui reenvia a ideia de uma origem comum para as noções de dívida e dom, articuladas por Marcel Mauss, a ideia de uma troca que acompanha a ideia de dom, e isso me parece fundamental.

É necessário ir um pouco mais longe. Empreguei aqui, há pouco, a palavra « totalitário ». Os fundamentalismos que se desenvolvem atualmente nos diversos monoteísmos não são necessariamente violentos. Mas, são totalitários. Isso quer dizer que eles excluem a tolerância com a crença do outro, casamentos mistos (termo usado na França para nomear casamentos entre pessoas de diferentes religiões), e seguidamente interdita todo diálogo. O que é condenado por eles no fundo, é a diversidade. Deus, para eles, é Um, e esse Um unificante feito para reinar.

Mas, estamos condenados a assimilar toda religião a essas formas totalitárias, e se nos recusamos a adotar um pensamento claramente anti-religioso? Eu disse a vocês que mesmo Marcel Gauchet, que fala de um « abandono histórico da religião, percebe na vida contemporânea, uma religiosidade que é ignorada. Num livro intitulado *A condição Histórica*, ele escreve que « muitos jovens sonham que (...) estão liberados dessas velharias, são místicos sem o saber, a procura de uma experiência espiritual ». E acrescenta ele, « Festa, transe, vertige, estados modificados da consciência obtidos pela música ou substâncias ilícitas (drogas) : é sempre do acesso a uma outra ordem da realidade que se trata ».

Assim, eu diria que a negação dessa necessidade de acesso a uma dimensão Outra é um erro, e mesmo que é perigoso. Não é por que se desacredita antecipadamente da necessidade de espiritualidade que numerosos jovens podem buscar, para viver, experiências violentas?

Felizmente existem outras formas de experiência religiosa, não somente o totalitarismo. O argumento deste colóquio evoca « as referências politeístas importantes para situar em relação as intolerâncias que se difundem em nome de um Deus único ». Foi isso que

conduziu recentemente uma jovem filósofa francesa, Frederique Idelfonso a tentar compreender, a partir do Candomblé da Bahia, o que seria sua própria necessidade de espiritualidade. Denunciando um mundo capitalista contemporâneo onde o único rito é o trabalho, a única festa é o consumo, ela pensou poder viver, no contato com o Candomblé, uma experiência tranquilizadora, que a liberaria do assédio do sentido e da tirania em relação a si mesmo.

De minha parte, finalizo de modo mais pessoal. Me sinto, em efeito, implicado nas questões que abordo. Não pretendo com isso, afirmar que encontro facilmente em mim mesmo uma adesão aos valores que propagam frequentemente as religiões, e dos quais o sujeito contemporâneo sentiria nostalgia. Mas admito que construí um mito, ou pelo menos uma fantasia, de uma religião pacificada que se aprende a conhecer melhor no Brasil. Certamente eu sei que tudo não se passa de forma angelical. O argumento do Colóquio destaca a questão preocupante de « formas de pressão exercidas por grupos neo pentecostais ». Mas não posso me impedir de pensar que um país onde o sincretismo permite passar facilmente do mundo dos santos cristãos aos orixás, não deve estar disposto a dar a qualquer que seja a religião, uma posição exclusiva, um domínio exclusivo na sociedade.

Li alguns estudos clássicos concernentes as religiões afro-brasileiras; e alguns trabalhos mais recentes como os de Marilande Martins Abreu, uma das organizadoras deste coloquio. Li, por exemplo, um artigo de Didier de Laveleye, que me parece trabalhou também nas vias abertas por Sérgio e Mundicarmo Ferretti; e Seu artigo intitulado *Sincretismo afro-brasileiro : por uma lógica totemica escrito em frances* (o que facilita minha leitura), me fez apreender importantes questões.

Se observa nesses trabalhos com que facilidade circulam, no imaginário da religião de matriz africana, não somente orixás e santos católicos, mas personagens históricos como Dom Luis, que pode representar simultaneamente Luis XIII, suposto fundador desta bela cidade (sei que isso é discutível) e Luis IX, nosso São Luis. E nesse panteon particular não falta rei da Turquia, Caboclo de Pena, Preto Velho; nem mesmo água salgada (é pelo mar que chegam os cultos africanos e europeus), água doce da floresta, referência de cultos ameríndios.

Numa religião desse tipo, devo dizer, encontro alguma coisa de tranquilizador, alguma coisa que se distancia da ideia que a alusão a divindades sempre leva a guerra. E mesmo se isso não é mais que uma fantasia, diria que nós pensamos todos sob esse fundo da fantasia, então, é melhor escolher o menos perigosos.